

O Terecô na Comunidade Santo Antônio dos Pretos (Codó-MA): pertencimento religioso e resistência

DAVI BENVINDO DE OLIVEIRA*

MÁRCIO DOUGLAS CARVALHO E SILVA**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo principal analisar a manifestação religiosa por nome Terecô na comunidade Santo Antônio dos Pretos localizada na zona rural do município de Codó (MA). Reduto de negros escravizados fugitivos das fazendas de algodão e arroz no século XVIII, o quilombo de Santo Antônio dos Pretos foi um local que muitos negros se refugiaram e puderam conservar alguns costumes de sua terra-mãe. Tal localidade foi profícua para as manifestações religiosas, cultos e adorações a entidades africanas, o que proporcionou o surgimento de uma religião genuína de Codó, incorporando elementos indígenas e católicos para que os negros pudessem praticar seus cultos religiosos sem chamarem a atenção de autoridades. Para realização deste trabalho utilizamos como metodologia a etnografia, entrevistando os praticantes da religião, acompanhando as festividades, e à pesquisa bibliográfica através da análise da obra de autores como Centriny (2015) e Ferreti (2001).

Palavras-Chave: Terecô; Memória; Codó-MA.

The Terecô in the Santo Antônio dos Pretos community (Codó- MA): religious belonging and resistance

Abstract: The main objective of this study is to analyze the religious manifestation by name Terecô in the Santo Antônio dos Pretos community located in the rural area of the municipality of Codó (MA). Redoubled black fugitive slaves from cotton and rice farms in the eighteenth century, the quilombo of Santo Antônio dos Pretos was a place that many blacks took refuge and could preserve some customs of their motherland. Such a place was profitable for the religious manifestations, cults and adorations to African entities, which gave rise to a genuine religion of Codó, incorporating indigenous and catholic elements so that the blacks could practice their religious cults without attracting the attention of authorities. To carry out this work, ethnography was used as a methodology, interviewing the practitioners of religion, accompanying the festivities, and bibliographical research through the analysis of the works of authors such as Centriny (2015) and Ferreti (2001).

Key words: Terecô; Memory; Codó-MA.



* DAVI BENVINDO DE OLIVEIRA é Licenciado em Ciências Humanas - História (UFMA).



** MÁRCIO DOUGLAS CARVALHO E SILVA é Mestre em Antropologia (UFPI).



Fonte: Arquivo do fotógrafo Evandro Martin. Disponível em: www.evandromartin.com Acesso: 20 nov. 2016.

Introdução

Por volta do século XVIII, o povoado de Santo Antônio dos Pretos, “localidade quilombola rural remanescente, localizada a 60 km da zona urbana de Codó” (CENTRINY, 2015, p. 11) foi um reduto de escravos que buscavam se refugiar após abrirem fugas das fazendas de algodão e de arroz e dos maus-tratos de seus senhores. Os negros escolheram esse lugar por conta da sua dificuldade de localização que fica mata dos “cocais adentro”, e por ser uma localidade banhada pelo rio Codozinho (um dos três rios que banham a cidade de Códó). Hoje essa comunidade é local de visita de pessoas de várias partes do planeta, como fotógrafos, pesquisadores e simpatizantes pelos cultos religiosos.

Importante destacar a importância que a comunidade teve para a construção da cultura codoense, sobretudo no que tange a construção da religiosidade e a autenticidade da criação de uma religião própria com elementos trazidos pelos negros escravizados da África.

A vida econômica da comunidade está ligada a atividades extrativistas, como a quebra do coco babaçu – principal vegetação de Codó - para extração de seu óleo utilizado em alimentos, a plantação de mandioca para fabricação de farinha, plantação de arroz, feijão e milho; criação de animais como carneiros e galinhas, que podemos ver transitando livremente na comunidade, caça, pesca e produção de carvão – a maioria dos moradores ainda cozinham em fogões

feitos de barro e que necessitam do uso de carvão feito da queima da madeira.

Cada morador faz a troca de suas produções com o outro, como por exemplo: um “morador A” planta arroz, ele dá um pouco de arroz para o “morador B” que desenvolve a atividade de pesca e que por fim, dá ao “morador A” alguns peixes que pescou, estabelecendo assim uma troca (dar/receber/retribuir) algo próximo do descrito por Marcel Mauss em sua obra *Ensaio sobre a dádiva*. A comunidade dispõe de escola pública CEQFAAM (Centro de quilombola de formação por alternância Ana Moreira) de ensino básico, energia elétrica e água encanada.

A escolha de Santo Antônio dos Pretos para desenvolvermos esta pesquisa se deu por seu grande valor histórico que remontam memórias de negros refugiados que desempenharam grande papel na construção da cultura codoense, e que também ajudaram no desenvolvimento da economia desse município. Diante disso, destacamos como objetivo principal desse trabalho analisar as principais características do Terecô manifestado na comunidade Santo Antônio dos Pretos, zona rural de Codó-MA através da memória dos seus praticantes.

Utilizamos como metodologia a etnografia, conjugando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Buscamos autores como Mundicarmo Ferreti (2001) e Cícero Centriny (2015), praticante dessa religião que escreveu uma obra sobre a mesma, e outros autores que puderam dar um norte em nossa pesquisa e em nossas análises sobre essa expressão religiosa afro-brasileira.

O Terecô na comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA: vivência religiosa e formas de manifestação ritual

Em Codó, não diferente de uma boa parte do Brasil, a herança cultural africana é marcante. Danças, músicas, pratos típicos e religiosidade têm traços explícitos da cultura do negro africano. As religiões de matriz africana foram incorporadas à cultura brasileira desde a época que os negros escravizados desembarcaram no país para desempenharem as mais diversas tarefas, principalmente o trabalho em lavouras durante o período colonial e mais tarde no império.

O negro trouxe consigo um legado cultural muito forte, que apesar de toda opressão senhorial e cultural europeia, conseguiu sobreviver e ser transmitida ao decorrer das gerações. Codó foi uma região maranhense que recebeu grande número de africanos com nos mostra Centriny (2015, p. 77)

Vasculhando os cartórios de Codó, podemos concluir que essa cidade foi um grande caldeirão etnológico pulverizado de negros de várias religiões da África. Bantus, na sua maioria. Da parte do Senegal; Jejes, Balantas, Cacheus, Angola, Congo, Angolanos, Cabindas, Angicos, Moçambique e Guiné.

As religiões de matriz africana são religiões de (re)afirmação das identidades culturais dos povos negros presentes no Brasil, frente a uma sociedade que se demonstra ainda preconceituosa e racista, e que dar valor e relevância na maioria das vezes, às identidades culturais ditas dos chamados “povos brancos”, valores estes que insistentemente são adotados como padrões e referências em todos os aspectos, enfatizando uma suposta

superioridade racial e, por isso, devem ser copiados e disseminados.

O povoado de Santo Antônio dos Pretos, por ser um quilombo remanescente, recebeu na sua formação religiosa elementos da cultura africana, porém, seus rituais religiosos têm traços particulares que se desenvolveram dentro do município de Codó, mais precisamente em áreas rurais que serviram de refúgio a escravos. Essa herança possibilitou o surgimento do Terecô, principal manifestação religiosa de Santo Antônio dos Pretos, e religião genuinamente codoense, uma vez que nasceu dentro das matas dos cocais da zona rural de Codó.

Por ter recebido muitos negros vindos da África, o Estado do Maranhão, assim como boa parte do Brasil, apresenta caracteres expressivos da miscigenação. Codó também recebeu uma leva considerável de escravos pertencentes a diferentes grupos étnicos, como afirma Centriny:

Considerando que o Maranhão foi um estado que trouxe negros escravizados da África de várias etnias e, entre elas, os minas jejes-nagôs, os Fantis-Ashantis, que se concentraram mais na ilha de São Luís. Os escravos que foram para a região de Codó eram de etnias diferentes, como os Cabindas, Bantus, Cacheus, Fons... E entre as religiões africanas brasileiras nascidas na escravidão surgiu o TEREKÔ, que preservava ao culto ao grande vodum Legba, traduzido para o povo ewe-fon do Togo e do Benin e invocado em Codó, como Légua-Boji Buá (CENTRINY, 2015, p. 12).

Etimologicamente, o significado da palavra Terecô, segundo a doutora em Línguas Yeda Pessoa de Castro, citada por Mundicarmo Ferreti em sua obra *Encantarias de Barba Soeira: Codó,*

capital da magia negra?, e comentado por Centriny (2015), pode ser uma onomatopeia referente aos sons de tambores produzidos nos rituais religiosos, “(...) ou pode vir do Bantu teelo ou teelekô de verbal ou derivação de teleso, que quer dizer celebrar, abençoar com os tambores” (CENTRINY, 2015, P. 11).

A origem precisa dessa religião é obscura. O que se tem certeza é que surgiu dentro das matas codoenses, e foi sendo repassado por meio da oralidade entre escravos praticantes da religião.

Os primeiros toques de Terecô eram estrategicamente organizados no meio dos babaçuais (grandes concentrações de palmeiras de coco-babaçu). Eles vinham de localidades diferentes e se juntavam eliminando as pistas nas matas para não serem descobertos, as “eiras” (roça, espaço de dança do Terecô) eram rotativas, os assentamentos eram enterrados de forma improvisada e alguns até descartáveis (...) (CENTRINY, 2015, p. 103).

O Terecô também é conhecido como “Tambor da Mata” e “Brinquedo de Bárbara Soeira”, pois o tambor é um dos principais elementos que fazem parte dos rituais, por isso a palavra tambor faz parte da etimologia da palavra Terecô e das músicas dessa manifestação religiosa; e é “Brinquedo de Bárbara Soeira”, pois é Santa Barbara a padroeira dessa religião.

É importante destacar que no passado o Terecô era praticado em outros povoados negros codoenses, a exemplo de maior expressão, no povoado de Santo Antônio dos Pretos, de modo escondido devido às acusações de curandeirismo, feitiçaria e perseguições policiais.

Pelo fato de os negros serem perseguidos pelas autoridades locais por conta de suas práticas religiosas, foi na zona rural,

nos campos ou fazendas de algodão que foi possível o surgimento das manifestações religiosas de herança africana, o que possibilitou o aparecimento do Terecô em Codó, como nos pontua Ferreti (2016):

Terecô é a denominação dada à religião afro-brasileira tradicional de Codó – uma das principais cidades maranhenses, localizada na zona do cerrado, na bacia do rio Itapecuru, a mais de 300km, em linha reta, da capital. Além de muito difundido em outras cidades do interior e na capital maranhense, o Terecô é também encontrado em outros Estados, integrado ao Tambor de Mina ou à Umbanda. É também conhecido por “Encantaria de Barba Soêra” (ou Bárbara Soeira), por Tambor da Mata, ou simplesmente Mata (possivelmente em alusão à sua origem rural). Embora se saiba que o Terecô se originou de práticas religiosas de escravos das fazendas de algodão de Codó e de suas redondezas, sua matriz africana é ainda pouco conhecida. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, sua identidade é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português.¹

Na sua manifestação contemporânea, as festas ocorrem dentro de barracões onde os brincantes dançam adornados com as roupas e os apetrechos (cordões, colares, pulseiras) peculiares do Terecô. As mulheres usam vestidos grandes e saias e os homens camisa e calça, os mesmos dançam em rodas, girando e cantando até muitos entrarem em transe e receberem suas entidades que, segundo eles, descem em seus cavalos (os brincantes) para participarem das festividades.

¹ FERRETI, Mundicarmo. *Formas sincréticas das religiões afro-americanas: O Terecô de Codó (MA)*. Disponível em:

Antes das festas acontecem, há a abertura, o Lovariê, onde há velas e rezas para dar introdução aos trabalhos, depois as mulheres e os homens entram no barracão e vão dançando e girando em círculos ao som de tambores que são batidos a noite toda por homens conhecidos por batedores de tambor, e ao som de maracás sob a música cantada pelo pai de santo, ou mãe de santo ou algum participante, e todos seguem a música cantando e dançando. Apresentando-se em uma festa de “(...)luz e cor. É a África viva, presente e eterna em Codó. Codó Negra é um pedaço do continente africano.” (CENTRINY, 2015, p. 43)

Para Durkheim (1996), “o rito exerce uma ação profunda sobre a alma dos fiéis que dele participam. Estes reconhecem uma impressão de bem-estar cujas causas não percebem claramente, mas que é muito justificada (...) e nela fazem seu ser moral” (DURKHEIM, 1996, p. 389).

O autor ainda complementa que:

O rito, portanto, não serve e não pode servir, senão para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias, ou seja, em suma para verificar os alimentos mais essenciais da consciência coletiva. Através dele o grupo reanima periodicamente o sentido que tem de si mesmo e de sua unidade, ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais (DURKHEIM, 1996, p. 409).

Durkheim (1996), ainda afirma no momento em que o grupo atinge “um determinado grau de eficácia” há o despertar para a vida religiosa reforçando a necessidade de alimentar os

<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Tereco.pdf>. Acesso em: 03/08/2016.

sentimentos de coletividade que podem ser percebidos no momento da realização dos ritos quando o sentimento de pertencimento religioso é expresso, pois

É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina de alguma forma essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. É em alguma espécie de forma cerimonial (...) que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles formulam para os homens se encontram e se reforçam umas às outras (GEERTZ, 2015, p. 82).

É dentro dos terreiros que ocorrem essas danças e manifestações religiosas. As danças começam a meia noite, mas antes das festividades, o dono do terreiro serve jantar aos convidados e brincantes. As festas vão até o amanhecer do dia, onde cessam as brincadeiras.

As festas mais famosas da comunidade acontecem nos dias 12 e 13 do mês de junho em comemoração a Santo Antônio e, principalmente, no dia 3 para o dia 4 de dezembro, pois é dia de prestar obrigações e homenagens a padroeira do Terecô, Santa Barbara Soeiro.

Essas festas acontecem no terreiro mais famoso da comunidade, o terreiro de Santa Bárbara, aquele que melhor conserva as tradições da “linda da mata” como é conhecido também o Terecô, pois este destaca-se como terreiro que menos absorveu o sincretismo. “Na atualidade é o único terreiro de Terecô, é o menos umbandizado e não leva esse equívoco título de Tenda de Umbanda” (CENTRINY, 2015, p. 307)

Porém apesar disso, nessa manifestação religiosa afro-brasileira, podemos perceber o sincretismo presente,

principalmente traços marcantes do catolicismo. Há, tanto nos terreiros, quanto nas casas dos moradores, altares com imagens de santos católicos, herança essa adquirida ainda em tempos coloniais quando os negros usavam as imagens católicas para camuflarem seus cultos que eram proibidos de serem praticados abertamente, e também era uma forma de diminuir a exclusão social negra. Gilberto Freyre nos aponta um norte com relação a isso em sua obra, *Sobrados e Mucambos*, ao mencionar a adoração dos negros a São Jorge, mas que no fundo prestavam homenagem a Ogum, entidade africana:

Ogum era entre os orixás, uma espécie de “deus da Guerra” ou da “Vingança”, tendo por símbolo uma espada... Compreende-se, que a igreja de São Jorge, no Rio de Janeiro, se tornasse o centro da devoção africana de Ogum. E por quase todo o Brasil, a imagem do santo guerreiro – em algumas áreas substituído pela figura de Santo Antonio – tornou-se para os negros o símbolo de Ogum... (FREYRE, 1977, p. 504, 505)

Dentro da comunidade, também podemos notar a cruz – o símbolo cristão católico na entrada de cada terreiro. A cruz foi introduzida nas portas dos terreiros como forma de camuflagem para poderem passar despercebidos os cultos afro-brasileiros.

Por Codó ter tido em seus primórdios uma população indígena, a comunidade recebeu também em sua formação religiosa algumas práticas indígenas chamadas de Pajelança. Os negros adquiriram o conhecimento onde se utilizam ervas e algumas plantas para a fabricação de remédios, e também receberam algumas oração e entidades que hoje fazem parte da religião. O Terecô traz traços marcantes do Catimbó indígena.

O catimbó existiu em Codó, como nos foi explicado por alguns terecozeiros tradicionais, foi uma mistura da pajelança indígena com a influência da catequese que alguns brancos, principalmente portugueses, tentaram como estratégia para ganhar simpatia e confiança dos índios Timbiras (urubus?) e Guanáres que povoaram as terras codoenses (CENTRINY, 2015, p. 253).

Hoje, a comunidade e alguns de seus moradores utilizam “remédios do mato” para curar algumas doenças como, por exemplo, dores de estomacais e intestinais e até mesmo alguns males espirituais.

Formas de pensar em viver o Terecô em Codó-MA

O sítio, como é chamado por muitos de seus moradores a comunidade de Santo Antônio dos Pretos é um lugar que abriga cerca de 196 famílias que vivem dentro da comunidade ou ao redor da mesma, a maioria morando em casas de taipa, feitas por seus próprios moradores, costumes que vêm sendo preservados pela comunidade, pois de acordo com o antropólogo francês Lévi-Strauss, sociedade como essa, consideradas pelo mesmo como sociedades frias, por preservarem alguns comportamentos “primitivos”, uma vez que sofrem mudanças culturais de forma lenta se comparadas as sociedades quentes ligadas a industrialização, a urbanização e a globalização (VIVEIROS DE CASTRO, 1998).

Entrevistamos três moradores da comunidade², os dois mais velhos

² Por questões éticas iremos utilizar nomes fictícios para nos referirmos aos sujeitos entrevistados. Ver: FLEISCHER, Soraya. (Org.) *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

moradores e chefes de terreiros, Dona Fátima, 96 anos, Seu Francisco, 70 anos, e Dona Teresa, 54 anos. Nas nossas entrevistas ouvimos narrativas que estão diretamente ligadas à memória dos terecozeiros. Memórias que revelam aspectos não só da vivência religiosa dessas pessoas, mas também das suas normas de convivência social, do seu cotidiano, modo de viver, expressar seu sentimento em relação ao próximo “uma memória (...) que ao definir o que é comum a um grupo e que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1992, p. 03). Para obtermos essas memórias utilizamos principalmente a fonte oral uma vez que “apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo as suas sombras” (THOMPSON, 2002, p. 197).

Dona Fátima é a moradora mais antiga da comunidade, nasceu e “se criou” em Santo Antônio dos Pretos, como ela mesma faz questão de dizer. Era parteira e fez em média 32 partos em sua vida. Além disso, fazia também remédio com plantas encontradas na mata para mulheres grávidas, principalmente com casca de uma planta chamada mandacaru.

Ao tecer as suas considerações sobre o Terecô, Dona Fátima relata que “o Terecô é muito bom, vocês não compreendem, mas ele não é feitiço.”³ Essa fala da entrevistada nos chamou a atenção, pois o Terecô sofreu perseguição policial desde seu nascimento e hoje, apesar de não haver

³ Dona Fátima, 96 anos, praticante de Terecô e moradora da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

mais perseguição por parte da polícia, há um certo preconceito com quem é praticante ou simpatizante dessa manifestação religiosa, e talvez, a mesma enfatizou que sua religião não é feitiço como uma forma de resguardar suas crenças e se proteger de alguma discriminação.

As formas de adesão à religião parecem ser simples, porém no meio da fala aparece um trecho que revela a condição natural para se tornar praticante de Terecô, como relata Dona Fátima, além disso, “as regras” da religião também ficaram explícitas na narrativa destacada abaixo:

Você será muito feliz, e que, qualquer um que quiser entrar pode entrar, pois é algo da pessoa, mas se quiser colocar a família, pode colocar, a gente vai fazer as coisas, mas não posso dizer. Mas o Terecô só serve para a pessoa. E o Terecô tem regras sim. Se um homem e uma mulher tiverem relações não podem entrar no terreiro, se não faz fiasco. Toma um prejuízo grande descumprir as regras, a gente nem fala nisso.⁴

Na fala seguinte, identificamos mais uma vez a condição necessária para tornar-se praticante de Terecô: tem que ser “algo da pessoa”. O relato pessoal de Dona Fátima confirma isto ao afirmar que desde nova, aos 7 anos de idade, é brincante (participante do Terecô), e que recebeu seu encantado (entidade sobrenatural) por nome Socó e que já nasceu com esse dom ou com essa entidade lhe acompanhando, pois “quem nasce com o dom, morre com o dom”. O relato do Seu Francisco reforça essa concepção. O mesmo afirma que recebeu

⁴ Dona Fátima, 96 anos, praticante de Terecô e moradora da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

o seu encantado chamado José de Graça Lira de seu tio quando ainda era garoto. Destacamos ainda na fala de Seu Francisco a “necessidade de permanência” e respeito às regras do Terecô após tornar-se adepto da religião:

Aquele que quer entrar pode entrar, mas para sair é mais difícil. Não se fica mais como era antes. Se a entidade gosta não se sai. E quando se entrar tem que pegar banho de croa, benzimento pelo pai de santo (chefe de terreiro). A entrada é só da pessoa mesmo, mas se as entidades se agradam de uma pessoa da família ela tem que entrar. Tem entidades que pegam crianças ainda na barriga da mãe. A gente tem muita leis, lei de dormir com mulher, tem os dias, a lei para não comer vários animais, como peixe, paca, bode.⁵

Para reforçar a sua afirmação do que seria o “castigo” das entidades, o mesmo cita como exemplo a história de um rapaz que foi punido por quebra de regra alimentar: “uma vez um menino da comunidade comeu jacaré e Colin Maneiro (entidade) baixou nele e ele saiu se arrastando no chão como jacaré. Ele ficou todo arranhado na barriga.”⁶

Dona Teresa também nos deu algumas informações acerca da adesão ao culto e à necessidade de obediência às regras do Terecô:

Todos podem entrar, mas precisa seguir algumas exigências (o que não nos foi informado). Para sair dá uma burocracia, às vezes existe algum problema. *A entrada na religião é* “algo próprio da pessoa, a pessoa mesmo que entra se quiser. Na nossa tradição tem regras e às

⁵ Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

⁶ Ibid.

vezes tem punição para quem quebrar alguma regra. E tem punições coletivas, o que eu acho errado, mas não posso dizer nada.⁷

Identificamos acima na fala dos adeptos do Terecô, passagens que se confluem e nos revelam o que seriam alguns dos “dogmas” ou “as regras” dessa religião que é transmitido ao longo das gerações através da oralidade e da memória.

Ao referir-se aos quadros sociais que compõem a memória, Halbwachs (2003), afirma que mesmo sendo aparentemente individual, a memória está associada a um grupo, pois “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 2003, p. 30). Para o autor, a memória individual está contida nos diversos contextos a qual o indivíduo está inserido, com a participação de outros agentes, sendo a memória individual associada à memória do grupo, passando assim a ser coletiva. Assim, a memória é uma associação de memórias da qual o sujeito sofre influência, sendo “cada memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003, p.69).

O Terecô pode ser definido de várias maneiras, dependendo da visão do praticante. Segundo Seu Francisco Terecô é “uma dança de roda com meninas e com lovariê (rezas para iniciação dos trabalhos religiosos como ele mesmo nos contou). A importância do Terecô para o mesmo está, na existência dos espíritos: “Temos espíritos e a gente pede para eles ajuda e

eles ajudam a gente.”⁸ Mais uma vez o mesmo cita como exemplo a história de um tenente que perseguiram os negros brincantes – “O preto naquele tempo vivia sujeito. O tenente Vitorino não queria isso. Ele queria acabar com nossa brincadeira, mas Colin Maneiro (entidade) não deixou, ele entrou nele (no Tenente) e fez foi ele passar a noite toda dançando”⁹.

Destacamos nessa fala do senhor Francisco que os adeptos do Terecô, recorrem às suas entidades por meio de suas práticas mágicas para tentar buscar proteção que foi negada durante muito tempo pelo Estado Colonial, segregador e que não considerava o negro como um cidadão ou um ser humano, e pelo Estado Brasileiro, que até o século XX perseguia os praticantes dessa religião. Mundicarmo Ferreti (2001), reforça a forma como os negros e suas expressões religiosas sofreram perseguições.

A religião afro-brasileira de Codó aparece nos textos como muito perseguida pela polícia, hostilizada pela igreja Católica e pelas denominações evangélicas e organizada primeiro nos povoados negros, como o de Santo Antonio – que continua exercendo grande influência sobre ela, uma vez que ali foram preparados dona Antonia (a mãe-de-santo mais antiga que conhecemos em Codó, falecida em janeiro de 1997) e Bitá do Barão (o pai-de-santo mais famoso da região). E talvez por ter se organizado primeiro na área rural, a religião afro-brasileira codoense é hoje a conhecida como Tambor da Mata (em alusão às matas de coco babaçu) (FERRETI, 2001, p. 102).

⁷ Dona Teresa, 54 anos, praticante de Terecô e moradora da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

⁸ Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos

Pretos em Codó-MA. Entrevista aos autores em 2016.

⁹ Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista aos autores em 2016.

Ao fazermos uma análise sobre a fala do Seu Francisco, podemos fazer uma relação com a obra do historiador italiano Carlo Ginzburg, intitulada *Mitos, Emblemas e Sinais*, que mostra uma feitiçeira e alguns camponeses, que estavam sobre ameaça de perder suas terras e com elas sua casa e o sustento de sua família. Com isso, recorrem aos seus feitiços para tentar buscar se proteger.

Dois camponeses malvistos, pois suspeitos de praticar sortilégios e encantamentos, temidos pelos patrões, constantemente despedidos, que se vingavam (e não só contra os patrões que os despediram, mas também contra quem toma o seu lugar) das injustiças de que são vítimas, recorrendo a poderes que acabam por se voltar contra eles... Nesse caso, a feitiçaria pode realmente ser considerada, sem exagero, uma arma de defesa e ataque nas lutas sociais. (GINZBURG, 1989, p. 21).

Ginzburg (1989), ainda nos aponta, ao analisar a vida de uma mulher chamada Chiara, que os feitiçeiros ou pessoas que praticam magia buscam as entidades que elas acreditam serem mágicas e portadoras de poderes sobrenaturais para que as mesmas possam livrá-los de suas angústias e dores sociais e existenciais, e, até mesmo de doenças.

A divindade, como Chiara pode concebê-la e venerá-la, é uma divindade que intervém para livrá-la de suas angústias, ora lançando um malefício sobre os patrões que a expulsaram, ora curando-os para fazer com que ela volte à herdade deles; e não importa que seja uma divindade celeste ou demoníaca. (GINZBURG, 1989, p. 33).

Percebemos, com isso, que os negros fugitivos recorriam aos seus cultos religiosos como forma de proteção e luta social (como afirmou Ginzburg) dentro de uma sociedade colonial extremamente preconceituosa e segregacionista, algo que permanece até os dias atuais, uma vez que a comunidade necessita de muitos direitos básicos.

A respeito dos significados dos símbolos presentes nos rituais como rezas, velas e suas cores, instrumentos musicais e músicas, Seu Francisco nos respondeu: “a gente usa vela de várias cores, depende do trabalho, tem trabalho que é a cor é verde, outro é vermelho, depende do trabalho. Para Durkheim (1996), os símbolos possuem forças reais necessárias para a compreensão do bom funcionamento da vida moral. Geertz (2015), afirma que “é tão grande a dependência do homem com os sistemas simbólicos que estes seriam decisivos para sua existência como criaturas” (GEERTZ, 2015, p. 73)

Além dos elementos usados no ritual citados acima, é de grande importância para o ritual, as rezas e as cantigas, também transmitidas pela oralidade. “As rezas são tradições mesmo, a gente aprendeu assim. E as músicas são antigas e as antigas são as melhores”¹⁰. Um trecho dessas cantigas está expresso abaixo

Angaço,
Deixa eu rezar (3 vezes)
Aê, Angaço,
Deixa eu rezar (3 vezes)¹¹

Acerca dos rituais, Seu Francisco nos conta que “os rituais são os orixás que pedem. Tem rituais da linha branca, linha

¹⁰ Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

¹¹ Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016

de Santa Barbára; e tem os rituais de linha negra, linha de Exú.”¹² Para o Terecô, há dois tipos de rituais, rituais do bem que são os de linha branca e há os rituais do mal que são considerados linha negra.

Dona Teresa, 54 anos, nos relatou que desde criança frequenta o Terecô, “eu já me criei dentro de uma tradição. É uma união, uma tradição e eu acho muito bonita.”¹³ A terecozaira destaca ainda na sua fala as roupas que os brincantes usam nos rituais. Segundo a mesma, as vestimentas são de acordo com uma reunião feita, todos entram em consenso em qual cor irão usar em cada festejo e então, eles escolhem as roupas e que só se pode brincar usando as roupas determinadas anteriormente.

Centriny (2015), nos aponta que as cores são importantes dependendo da entidade que se vai homenagear, “geralmente a vestimenta nas festas de Bárbara do povo do Terecô é da cor vermelha, pois simboliza as lutas e a força da referida guerreira” (CENTRINY, 2015, p. 219).

Dona Teresa afirmou que as cores das velas são de acordo com as linhas da religião (a linha negra e a linha branca) e cita-nos, como exemplo que,

a cor da entidade padroeira do Terecô, Santa Bárbara, é branca e que a cor depende da entidade e do festejo “todo trabalho tem que ter rezas para a abertura dos trabalhos. Os padrinhos (pais de santos) que sabem quais são as rezas. As músicas são necessárias para trazer alegria as festas, os tambores de minas são para caboclos e os tambores das matas são para orixás.

Os sacrifícios não têm aqui em Santo Antônio. E os rituais são feitos dentro dos barracões mesmo.¹⁴

Considerações finais

O Terecô é uma manifestação religiosa de origem africana que é patrimônio cultura de Codó e do Estado do Maranhão, porém, sofre com o preconceito, além de estar em processo constante de absorção sincrética.

Muitas pessoas associam o Terecô com práticas demoníacas e o enquadram em uma visão pejorativa a ponto de alguns adeptos terem receios de se assumirem como tais. Podemos identificar que o Terecô tem perdido alguns aspectos na sua forma de manifestação dos primórdios, pois já podemos ver elementos sincréticos como católicos e de umbanda, principalmente na zona urbana de Codó.

O “Terecô raiz” ainda é conservado em Santo Antônio dos Pretos e vem resistindo ao tempo, passado de geração a geração, mas há muitas pessoas que são filhas da comunidade que já não querem levar adiante a tradição que nasceu nos quilombos dos cocais codoense.

Apesar de ser uma manifestação religiosa, o Terecô traz consigo histórias e memórias do passado codoense, das histórias de descendentes de negros escravizados que ajudaram no crescimento e desenvolvimento da economia desta cidade e foram marcantes na construção da cultura codoense (músicas, comidas e costumes). Negros que se refugiavam em quilombos para fugirem dos maus tratos e da dantesca exclusão social

em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

¹⁴ Dona Teresa, 54 anos, praticante de Terecô e moradora da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016.

¹² Seu Francisco, 70 anos, praticante de Terecô e morador da comunidade Santo Antônio dos Pretos em Codó-MA. Entrevista cedida aos autores em 2016

¹³ Dona Teresa, 54 anos, praticante de Terecô e moradora do povoado Santo Antônio dos Pretos

colonizadora, numa tentativa de buscarmos não só fugir do acoite das Senzalas e dos trabalhos forçados das casas grandes e das fazendas, mas para poderem conservar suas tradições e costumes de sua terra-mãe de onde foram roubados, para outra cultura completamente distinta da sua.

Manter essa tradição é conservar o passado; é dar a historiadores, antropólogos e outros pesquisadores, matérias de pesquisas que podem ser analisadas por múltiplas perspectivas e olhares, pois a cada pessoa que faz parte dessa “tradição” e é entrevistada há sempre algo novo a se aprender, histórias que estão sempre prontas a se tornarem novas nos olhares de novos pesquisadores; manter essa tradição é dar voz aos negros e aos dados históricos que por muito tempo estiveram marginalidades das pesquisas, das universidades e até mesmo do cotidiano das pessoas.

Referências

CENTRINY, Cícero. **Terecô de Codó**: uma religião a ser descoberta. São Luís: Zona V Fotografias Ltda., 2015.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRETI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”**: *Codó, capital da magia negra?* São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

FERRETI, Mundicarmo. **Formas sincréticas das religiões afro-americanas**: o Terecô de

Codó (MA). Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Tereco.pdf>. Acesso em: 03/08/2016.

FLEISCHER, Soraya. (Org.) **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva e BARROS Antonio Evaldo Almeida. “Roupa boa, santo bom”: luxo, mudanças e trocas simbólicas. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR** Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 21.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, nº 10, 1992 (pp. 200-215), p. 03.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 197.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A antropologia de cabeça para baixo. Entrevista com Claude Lévi Strauss. **Mana. Estudos de Antropologia Social**, 1998, 4 (2): 119-26.

Recebido em 2018-06-16
Publicado em 2018-10-09